



A MIGRAÇÃO ENQUANTO MAL ESTAR NO/DO (O)OUTRO: ENTRE A PULSÃO DE MORTE E A INVISIBILIDADE

*The migration as discontent in the/of the (O)others: between death
drive and invisibility*

Olimpia Maluf-Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
olimpiamaluf@gmail.com

Ana Cláudia de Moraes Salles

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
anaclaudia.salles@gmail.com

Fernanda Surubi Fernandes

Universidade Estadual de Goiás – UEG
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT
fernanda.fernandes@ueg.br

Wellington Marques da Silveira

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
wellington.unemat-letras@hotmail.com

Resumo: Este artigo propôs-se a dar visibilidade ao processo de ocupação e de instalação de refugiados haitianos e venezuelanos no estado de Mato Grosso, em especial pela cidade de Cuiabá, por meio da análise de um corpus composto de recortes que materializam dizeres sobre a permanência e a espacialização destes imigrantes em nosso país. Dessa forma, tratou-se de colocar em visibilidade à memória que escapa e se mostra, por gestos que buscam criar lugares de pertença/acolhimento/inclusão, dos processos histórico-sociais que garantiram um espaço desigual e explorador ao migrante/negro, em razão de sua condição economicamente vulnerável. Os recortes realizados das fotografias da Mostra *Haiti é aqui* nos permitiram visibilizar como a combinação significativa, possibilitada pelo encadeamento sintático da letra da música *Haiti* de Caetano Veloso e Gilberto Gil, faz remissões à memória dos sentidos de segregação aos quais os migrantes, sobretudo os negros, foram submetidos.

Palavras-chave: Acontecimento discursivo. Alteridade. Migração. Intolerância.

Abstract: This paper aimed to give visibility to the process of occupation and installation of Haitian and Venezuelan refugees in Mato Grosso State, especially in the city of Cuiabá, through the analysis of a corpus composed by clippings that materialize statements about the permanence and the spatialization of these immigrants in our country. Thereby, it was tried to put in visibility the memory that escapes and shows itself, through gestures that seek to create belonging/reception/inclusion places, of the historical-social processes that guaranteed an unequal and exploitative space to the migrant/black, due its economically vulnerable condition. The clippings made from the photographs of the Exhibition *Haiti é aqui* allowed us to see how the significant combination, possible by the syntactic linkage of the song lyrics *Haiti* by Caetano Veloso and Gilberto Gil, makes reference to the memory of the senses of segregation to which migrants, especially blacks, were submitted.

Keywords: Discursive event. Otherness. Migration. Intolerance.

Das condições de produção

A perda da segurança, quer seja por situação de guerra quer seja por catástrofes naturais, levou muitas pessoas a abandonar seus países em busca da preservação da vida e da integridade física. Os deslocamentos, contudo, não são voluntários e o que forçam esses migrantes à condição de refugiados são as situações de penúria e as ameaças sofridas em seus países de origem.

A situação do refugiado é marcada pelo instinto de autopreservação, visto que, todas as mazelas do exílio não são maiores que a possibilidade premente da morte por privação, por assaltos ou por genocídios a que estavam sujeitos.

O órgão internacional responsável pela situação dos migrantes é o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), criado pela Assembleia Geral da ONU, em 14 de dezembro de 1950 para proteger e assistir às vítimas de perseguição, da violência e da intolerância. As ações humanitárias do ACNUR, balizadas pela Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, e o Protocolo de 1967, cuida de migrantes voluntários e dos refugiados assegurando-lhes “[...] os direitos e o bem-estar [...] empenha-se em garantir que qualquer pessoa possa exercer o direito de buscar e gozar de

refúgio seguro em outro país e, caso assim deseje, regressar ao seu país de origem” (SANTOS, s.d, s.p.)¹

Neste texto, discutiremos o processo de ocupação e de instalação de refugiados haitianos e venezuelanos no estado de Mato Grosso, em especial pela cidade de Cuiabá, por meio de um corpus composto de recortes que materializam dizeres sobre a permanência e a espacialização destes imigrantes em nosso país.

Para tanto, será fundamental colocarmos em visibilidade as condições sociais e políticas de produção destes movimentos migratórios, uma vez que, ao analisarmos os discursos sobre os refugiados, é necessário que compreendamos as situações imediatas desses movimentos, isto é, os motivos pelos quais estas pessoas deixaram seus países, mas também os funcionamentos histórico-ideológicos que engrenaram tais processos.

A escuta e a análise da situação dos refugiados nos colocaram em contato com um quadro de violência de alcance internacional que fez com que o gesto de preservação da vida, por parte dos refugiados, fosse produzido em massa, de forma globalizada, genérica.

O material de análise

O material de análise é constituído por fotografias de haitianos que compõem a Mostra *O Haiti é aqui* e por entrevistas obtidas a partir de conversas informais com haitianos em seus ambientes de trabalho e em suas residências, localizadas, em grande parte, no Bairro Bela Vista. Pelas entrevistas, foi possível fazermos a escuta das condições de sobrevivência destes migrantes em Cuiabá, observando os modos para os quais esta cidade produz sentido e os processos de identificação de haitianos como sujeitos-cuiabanos/brasileiros, ao passo que, pela Exposição das fotografias, a análise nos permitiu problematizar a construção de lugares sociais, de interpretação e de ocupação do migrante, pelo mato-grossense/brasileiro.

A análise

1) A pulsão de vida e de morte

¹Disponível em: <https://thalessantos.jusbrasil.com.br/artigos/501842479/breve-sintese-sobre-o-acnur>. Acesso em 23 set. 2018.

Indireção, astúcia do meandro, nisso consiste [...] o fazer jogar a força antagonista de Eros, o amor e o amor à vida, contra a pulsão de morte.
(Derrida, 2001)

As condições de produção que instituíram/instituem refugiados no mundo, no Brasil e em Cuiabá possibilitou-nos compreender, em um primeiro momento, sentidos do que Derrida, a partir de Freud e de Lacan, afirma na epígrafe como: “[...] o fazer jogar a força antagonista de Eros, o amor e o amor à vida, contra a pulsão de morte”.

A referência do autor é feita ao que Freud, recorrendo mais uma vez à mitologia grega, explica como sendo as pulsões inconscientes: as de vida ou sexuais (Eros) e as de morte ou destruição (Thanatos).

Psicanaliticamente refugiar-se é fazer valer, então, a prevalência de Eros sobre Thanatos ou, em outras palavras, é canalizar a energia sexual, a libido, para o esforço de preservação da vida, pois segundo Freud (1930), é da ordem do humano uma “compulsão à repetição”, que se instala como consequência das pulsões (de vida e de morte), ou seja, como tentativas de reproduzir algo anterior, de modo que a destruição acabe por se constituir como causa do devir do sujeito: “[...] se a morte aparece como destrutiva no plano do instinto sexual, todavia é sinônimo de devir no plano da transformação” (GUTIÉRREZ-TERRAZAS, 2002, p. 95)².

Nesse entendimento, Freud (1930, p. 108), afirma que

O ser humano não é um ser manso, amável, no máximo capaz de defender-se se for atacado, mas é lícito atribuir à sua dotação pulsional uma boa dose de agressividade. Em consequência disso, o próximo não é apenas um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, para usá-lo sexualmente sem seu consentimento, para despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo.

Vejamos que Freud refere-se à pulsão de morte e de vida não apenas no sentido biológico/orgânico do termo, pois, como vemos no gesto do refugiado, marcado por Eros, é a busca por proteção da agressividade, da destrutividade do outro homem ou da própria

² GUTIÉRREZ-TERRAZAS, José. “O conceito de pulsão de morte na obra de Freud”. In: *Ágora*. v. V. Nº 1, jan/jun 2002. (p. 91-100).

natureza, para resguardar-se, não apenas da morte física, mas para fazer funcionar o desejo pulsional de autoproteção, ainda que para tal gesto o refugiado tenha que lançar mão da sua própria agressividade.

Conforme esclarece Gutiérrez-Terrazas (2002, p. 98), é preciso fazer, contudo,

[...] a equivalência entre devir pulsional ou psicosexual (que tem uma genealogia ou uma sequência específica, que a psicanálise descobre e conceitua por meio dos termos “auto-erotismo, narcisismo e escolha de objeto”) e desenvolvimento do organismo psicobiológico (que é de ordem não pulsional, não sexual ou de tipo de autoconservação e adaptativo).

Em outras palavras, trata-se, de um lado, do funcionamento psíquico e, de outro, do psicobiológico, pois,

[...] o funcionamento do pulsional no ser humano não se estabelece de maneira inata e mecânica, nem acontece por um princípio regulador básico que reparte a energia psíquica de modo mais ou menos homogêneo e contraposto, mas constitui-se em situação de sujeição às vicissitudes históricas da relação com o outro, na qual, e a partir da qual — ante o poder deste, por ser quem proporciona os cuidados de autoconservação e a sobrevivência — o pulsional não só se origina abrindo a possibilidade da construção do aparelho psíquico, arrancando o ser humano da natureza e da “estúpida existência”, mas também como o verdadeiro motor do progresso psicológico (GUTIÉRREZ-TERRAZAS, 2002, p. 99-100).

Desse modo, a pulsão de morte, que tem a função de descarga imediata e de busca do idêntico, ao não se situar e nem se reconhecer na alteridade (o Outro), produz, como consequência, a autodestruição ou a morte psíquica do eu, assim, podemos dizer, então, que o refugiado, marcado pela perda da força referencial do Outro, encontra-se, em um primeiro momento, em morte psíquica do eu.

2) O acontecimento discursivo

Aquilo que, de uma catástrofe, permanece fora do alcance da representação, é justamente o que confere a certos acontecimentos da vida, sobre os quais não conseguimos nos pronunciar imediatamente, o caráter catastrófico. Podemos chamá-lo, como Freud, de trauma. Ou, como Lacan, de real.

(Kehl, 2000, p. 137)

À epígrafe, nós acrescentaríamos ao final: *Ou, como Pêcheux, deacontecimento discursivo*, pois o deslocamento apresentado por Kehl (2000) produz distensões entre o sujeito freudiano – traumatizado e produtor do seu próprio trauma – e o sujeito contemporâneo, que se produz como vítima de fatores adversos – as catástrofes – que o levam, por exemplo, a abandonar o país de origem. Dito de outro modo, o deslocamento parece situar-se entre a catástrofe como paradigma do acontecimento do refúgio, de um lado, e o trauma como modo de fazer a história de subjetivação da histórica, de outro.

Essa constatação parece marcar uma contundente descontinuidade entre o sujeito freudiano e aquele com o qual a psicanálise lida atualmente, pois no primeiro momento o sujeito se enunciava como traumatizado, sendo alvo de suspeição por simular o mal-estar que o acometia (como ilustra as longas narrativas de Freud sobre as históricas), para o trauma como catástrofe, a situação já o coloca como vítima.

Em outras palavras, o deslocamento faz-se sobre a cultura e, portanto, sobre a alteridade, visto que, naquele momento se suspeitava da autenticidade do sofrimento de sujeitos que vivenciaram experiências extremas e disruptivas, e neste momento, o fato em si se instala e se legitima como traumático (o terremoto, por exemplo), o que, por si só, já confere autenticidade à narrativa dos envolvidos.

Tomamos a ação de deslocamento dos refugiados como um gesto simbólico que os coloca, pela “força antagonista de Eros”, em ação contrária às formas cruéis com que a ação da pulsão de morte se deixa mostrar no cenário dos graves problemas mundiais das guerras, das intolerâncias, dos discursos de ódio que levam os homens a se mover, saindo da situação de conforto rumo ao desconhecido.

A questão da crueldade no mundo, segundo Derrida (2001), produz-se marcada por um silenciamento que se processa em todas as esferas, ressaltando a Psicanálise que, segundo o autor, coloca em escuta os sujeitos em situação de exposição à crueldade, pela ambivalência instituída no confronto com a pulsão de morte:

[...] em toda parte onde uma questão do sofrer ‘por’ sofrer, do fazer ou deixar fazer o mal ‘pelo’ mal, por toda parte, em suma, onde a questão do mal radical, ou de um mal pior que o mal radical, não estaria mais abandonada à religião ou à metafísica,

nenhum outro saber estaria disposto a se interessar por algo como a crueldade – salvo o que se chama psicanálise (Ib., p. 06).

O autor ressalta o ganho promovido pela Psicanálise com a noção de pulsão de morte que, mobiliza o sujeito a se deslocar, pois a “[...] pulsão de morte [...] parece inseparável disso que se chama obscuramente ‘crueldade’, em suas formas arcaicas ou modernas” (Ib., p. 46). A nossa compreensão, balizada pela Psicanálise, é a de que a pulsão de preservação e de destruição, a ambivalência do que se convencionou como pulsão de morte, compõe os modos de constituição do sujeito do inconsciente.

Mediando esse espaço lacunar entre o sujeito psicanalítico de então e o sujeito contemporâneo, tomamos, com Pêcheux (2006), a noção de *acontecimento discursivo*, que toma tanto o trauma quanto a catástrofe como um modo de o sujeito constituir-se na/pela linguagem. Assim, o trauma da histórica e a catástrofe (o terremoto, no Haiti, por exemplo), tomados como acontecimento discursivo dizem respeito ao que faz pulsar um batimento entre uma atualidade e uma memória, que instala em Cuiabá –MT a condição dos haitianos como refugiados.

A definição de acontecimento discursivo, descrito por Pêcheux (2006, p. 17) como “[...] o que se situa no ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”, foi elaborada ao lado do episódio que levou franceses de diversas colorações partidárias às ruas (a ascensão de Mitterand ao governo francês), gritando, em uníssono, o enunciado *On a gagné* (Ganhamos!).

O enunciado, que carrega uma memória (Mitterand não representava os desejos políticos de vários partidos, como o Partido Comunista Francês (PCF), que engrossava o coro), ganha repercussão e circulação, mas é, em si mesmo, opaco, visto que, por sua própria composição linguística, por sua organização sintática, torna-se estranho ao próprio campo político que ele enuncia. É por esse funcionamento que Pêcheux toma o enunciado como funcionando aos modos de um evento político-esportivo, visto que o mesmo grito dos estádios (ganhamos) é, por um efeito da mídia e da classe política francesa, o grito “límpido” do povo nas ruas, ou seja, o enunciado funciona como uma “[...] metáfora popular adequada ao campo político francês” (PÊCHEUX, 2006, p.21).

No caso em estudo, o terremoto enquanto catástrofe é o que marca um acontecimento histórico, datado como acontecimento discursivo, que instala a condição de refugiados para os haitianos em Cuiabá.

Do mesmo modo, a Mostra *O Haiti é aqui* se constitui como um acontecimento discursivo, visto que produz a atualização de uma dada memória pela formulação que nomina a mostra. Segundo Pêcheux (1999, p. 52-53),

[...] a memória tende a absorver o acontecimento, [...], mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior.

3) A mostra

A proposta de um evento cultural, idealizado por uma cineasta da cidade de Cuiabá-MT e por fotógrafos, instalou-se como *acontecimento discursivo* através de uma série de atividades³ voltadas para a visibilidade de haitianos refugiados em Cuiabá.

Dentre as atividades, recortamos a Mostra fotográfica *O Haiti é aqui* que consistiu em juntar 06 fotógrafos da cidade para fazer 12 fotos artísticas de haitianos, que foram afixadas em pontos estratégicos da cidade. As fotografias resultaram em cartazes de 4 metros, em preto e branco, em formato ‘lambe-lambe’, todos acompanhados dos dizeres *HAITI: Novos cuiabanos*.

Trazemos quatro dessas fotografias para a análise:

³ A Mostra nasceu após a criação do *Coletivo O Haiti é aqui*, que conta com 405 membros e que se instalou com o objetivo de promover “[...] um intercâmbio entre os artistas haitianos e cuiabanos e incluir os novos artistas na cena cultural de Cuiabá”. Disponível em <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2017/01/mostra-com-fotografias-de-haitianos-busca-dar-visibilidade-estrangeiros.html>. Acesso em 15 Fev. 2018.



HAITI
NOVOS CUIABANOS
Rai Reis

Figura 1



HAITI
NOVOS CUIABANOS
Luzo Reis

Figura 2



HAITI
NOVOS CUIABANOS
Mae Gomes

Figura 3



HAITI
NOVOS CUIABANOS
Live Viana

Figura 4

Fonte: Cidadão Cultura. Disponível em: <http://www.cidadaocultura.com.br/mostra-publica-de-arte-fotografica-haiti-novos-cuiabanos/>

Como vemos, a Mostra faz funcionar uma memória constituída em torno do Haiti e da situação que levou seus habitantes à condição de refugiados.

O Haiti foi a primeira nação negra das Américas a conseguir um importante papel no cenário econômico internacional, como produtor de açúcar. Contudo, depois de idas e vindas em embates com a França pela independência, das drásticas mudanças na cadeia produtiva, da invasão por fuzileiros navais americanos, no século 20, e da sanguinária ditadura dos Doc (Papa Doc e Baby Doc), o país chegou à condição de o mais pobre das Américas.

Nomear o evento para os refugiados haitianos como *O Haiti é aqui* não é trivial e produz sentidos, a partir do que declara a idealizadora da Mostra⁴:

[...] resolvi criar no facebook e no whatsapp, o Grupo O HAITI É AQUI (título inspirado na canção de Caetano Veloso) em novembro de 2015, hoje com 405 membros, com a proposta de estabelecer um link entre os artistas haitianos e cuiabanos, interessados em promover o intercâmbio e a inclusão de artistas haitianos, na cena cultural de nossa cidade. E a partir desse processo contribuir para a inclusão mais ampla da comunidade haitiana como um todo.

A Mostra, ao se intitular como *O Haiti é aqui*, faz referência à música *Haiti*⁵, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, cuja letra aborda a questão dos negros e dos pobres nas

⁴ Disponível em <http://www.cidadaocultura.com.br/mostra-publica-de-arte-fotografica-haiti-novos-cuiabanos/>. Acesso em Abr. 2018.

⁵ Disponível em <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44730/>. Acesso em 23 Abr. 2018.

principais capitais do país (Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo), como podemos ver nos recortes:

[...]
Pra ver do alto a fila de **soldados, quase todos pretos**
Dando porrada na nuca de **malandros pretos**
De **ladrões mulatos** e **outros quase brancos**
Tratados como pretos
Só pramostrar **aos outros quase pretos**
(E são quase todos pretos)
E aos **quase brancos pobres como pretos**
Como é que **pretos, pobres e mulatos**
E **quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados**
[...]
Diante da chacina
111 presos indefesos, mas **presos são quase todos pretos**
Ou **quase pretos**, ou **quase brancos quase pretos de tão pobres**
E **pobres são como podres** e todos sabem **como se tratam os pretos**
[...]

A longa letra da canção, que denuncia o tratamento desigual dispensado aos pobres e negros e a inércia dos brasileiros diante dos contrassensos produzidos no país, é recortada pelo refrão que aproxima/distancia o Haiti do Brasil, exatamente pelas diferenças sociais e pelos paradoxos produzidos pelos administradores. Assim, com voz imperativa, os autores ordenam, no refrão, que se pense e se reze pelo Haiti, pois ele é/não é aqui no Brasil:

Pense no Haiti, reze pelo Haiti
O Haiti é aqui
O Haiti não é aqui

A música, composta em 1993, mas com atualidade surpreendente, alude à necessidade de se pensar e de se rezar pelo Haiti – um país afundado na pobreza, na corrupção e no desrespeito aos direitos humanos – e pelo Brasil, pois *o Haiti é aqui*, uma vez que, tal como o Haiti, o Brasil também necessitava/necessita que se pensasse/se pense e que se orasse/se ore⁶ por ele, dadas as relações de semelhança entre os dois países.

O Haiti é aqui / O Haiti não é aqui faz funcionar uma relação de semelhança/dessemelhança entre os dois países, o Haiti e o Brasil, ao mesmo tempo em que

⁶ Optamos pelo emprego dos verbos no passado e no presente para marcar a atualidade da canção de Caetano e Gil, que, composta em 1993, continua, em 2018, a fazer circular os mesmos sentidos de então.

marca um lá que é/não é aqui e um aqui que é/não é lá, assinalando um distanciamento e uma aproximação entre os países, que se instala por um aqui e um lá que não se subsomem. Dessa maneira, o efeito produzido por esse jogo significativo é o de que, embora o Haiti não seja geograficamente aqui, os dois países aproximam-se, exatamente pelo fato de possuírem aspectos e problemas sociais tais que assemelham a realidade vivida pelos brasileiros às dos haitianos. Em outras palavras, o Brasil e o Haiti são (des)semelhantes: a condição de ter sido colonizado, de ser composta predominantemente por negros, de ter uma economia oscilante e desigual, de ter vocação predominante pela (mono)agricultura. Dessa maneira, pensar e rezar pelo Haiti, naquele momento, era/é também estender o apelo para o Brasil, visto que houve/há uma camada da população brasileira para qual o Haiti foi, é e sempre será aqui.

Quando a idealizadora da Mostra traz, mais de duas décadas depois, em 2017, a música de Caetano para intitular a sua ação, o que a nomeação – O Haiti é aqui - pretende, na ilusão do sujeito de ser o autor e produtor dos sentidos, é que os haitianos se sintam em casa, pois, por eles estarem em outro país, por não serem visíveis, a sua ação, mais uma vez marcada pela vontade do sujeito, vai retirá-los da invisibilidade e vai inclui-los na cidade, afinal o que se pretende é “torná-los visíveis para torná-los inclusos”.

No entanto, o que o gesto de nomeação da Mostra promoveu enquanto efeito foi o de que os refugiados, da atualidade, trocaram a situação de pobreza e de miséria do seu país de origem e o substituíram pela mesma situação, pois, buscaram refúgio em um lugar (o Brasil), enquanto uma terra idealizada que, no entanto, não correspondeu/não corresponde ao sonho dos haitianos. Assim o efeito que o aqui (Brasil) constituiu é o mesmo de um lá (Haiti), pois o *Haiti é aqui*, com toda a mazela, a pobreza, o desemprego a exploração e a miséria, tanto para brasileiros quanto para haitianos, pois os países se assemelham enormemente em relação às diferenças socioeconômicas que fazem com que o Haiti seja, para essa parcela, sempre aqui.

A ilusão de ser dono do dizer cria no sujeito um apagamento abissal de que ele não é nem dono do dizer e tampouco que produz os sentidos como determinados por um ato de vontade, pois a dimensão traumática da existência humana é a de iludir-se com o poder da objetivação do sentido, quando a sua condição de sujeito é, já no início, marcada pelo real, pelo não todo/tudo, pela incompletude:

[...] De cada experiência, de cada objeto, de cada percepção, fica sempre um resto que não conseguimos simbolizar; o núcleo "duro" das coisas, que lhes confere independência em relação à linguagem e nos garante, de alguma forma, que o mundo não é uma invenção de nosso pensamento (KHEL, 2000, p. 137).

Essa situação de mal-estar contemporâneo nos remete ao texto inaugural de Freud (1930), no qual o corpo, a natureza e as relações submetem os sujeitos a uma castração inevitável, que se instala como fonte de sofrimento. Assim, é a civilização – amada e odiada, desejada e rechaçada – que produz o sofrimento, e, ao mesmo tempo, oferece caminhos para se lidar com ele, pois lidar com o mal-estar, no caso dos refugiados, é lidar com a vida.

Nessa direção, o refugiado é exposto a uma relação levada ao limite da intolerância (de si mesmo e do outro), pois se trata da relação com o dessemelhante, com o estranho tanto para si mesmo quanto para o outro, uma vez que o refugiado constitui-se como um constante estrangeiro de si.

É por essa razão que o refugiado, não podendo fazer conexão com a alteridade, como o (O)outro, busca o seu igual formando guetos em bairros periféricos da cidade⁷:



Figura 5

Fonte: G1 – MT: Disponível em: http://s2.glbimg.com/5-jPPq6m9MrL4sSCE5kmlbyxcHE=/s.glbimg.com/jo/g1/f/original/2016/02/01/mapahaitianos_cba.jpg

⁷ Disponível em <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2016/02/haitianos-tem-igrejas-bares-e-lan-house-em-bairros-de-cuiaba.html>. Acesso em 17 Fev. 2018.

Que escuta é possível se processar nesta relação? Tanto do lado do refugiado quanto do outro que o “acolhe”, processam-se ruídos inaudíveis, uma lalação⁸ que faz funcionar a língua materna, a moedagem do significante, a língua do Outro.

A relação do migrante com o local dá-se, então, marcada por um dado funcionamento social instalado por imposições dos discursos jurídico e religioso, instituídos por uma dada moral-social ou por uma dada metafísica. Nessa direção, a Mostra, a Pastoral, os cursos em crioulo e francês (as línguas predominantemente faladas no Haiti), os bairros em que moram constituem-se gestos de acolhimento que tentam dar ao haitiano um lugar de subjetivação. Do mesmo modo que as ações desencadeadas pelos próprios haitianos – o bar MèmeAmour, a Lan House, a Igreja, a Pastoral, os cursos em língua crioula, ofertados pelo CEJA e pela UFMT, são ambiências criadas como mecanismos de manter viva a relação com a alteridade:



Figura 6: Bar MèmeAmour, frequentado pela Comunidade haitiana em Cuiabá
Fonte: G1 – MT



Figura 7: Haitianos na Pastoral do Migrante, em Cuiabá-MT
Fonte: G1 - MT

⁸ Balbucio lúdico-infantil, preparatório ao uso correto da palavra, caracterizado pela repetição indefinida que a criança faz – pelo prazer de fazê-la – de ruídos e fenômenos diversos, que percebe em sua vizinhança imediata, ou espontaneamente emite. Qualquer fala ininteligível, especialmente aquela que soa como um balbucio de um bebê. Conforme, Dicionário Houaiss Eletrônico. Disponível em <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#8>. Acesso em Abr. 2018.



Figura 8: Lan House para as necessidades específicas dos haitianos
Fonte: G1 – MT

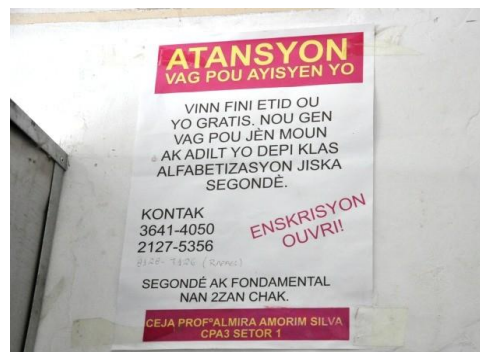


Figura 9: Cartaz com curso gratuito de alfabetização para jovens e adultos
Fonte: G1 - MT



Figura 10: Igreja Presbiteriana para haitianos – Bairro Jardim Eldorado
Fonte: G1 – MT



Figura 11

Fonte: O documentário *Haiti, Fierté des Nègres* (Haiti, Orgulho dos Negros)⁹

Contudo, nem todas as ações de cuiabanos e haitianos conseguem fazer processar o *laço social*, pois, segundo Lacan (1998), o Outro é, enquanto lugar do significante, marcado pela presença da Lei (a autoridade, o Pai) e da Cultura, que não se instituem pela força do religioso e do jurídico, pois, “[...] qualquer enunciado de autoridade não tem nele outra garantia senão a sua própria enunciação, pois lhe é útil procurar por esta num outro significante [...], [uma vez que] não existe metalinguagem que possa ser falada, ou, [...] não há Outro do Outro” (LACAN, 1998, p. 813).

Para o autor, “[...] um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante”, desse modo, a disjunção entre o imaginário e o simbólico, que se processa nesta relação de dessemelhança, aponta para uma hiância: “[...] o fantasma da causa, que perseguimos na mais pura simbolização do imaginário, pela alternância entre o semelhante e o dessemelhante” (ib. p. 835).

⁹O documentário “Haiti, Orgulho dos Negros” tem a direção de Ekesio Cruz e retrata a história de personagens vivos que emigraram de sua terra natal (Haiti) para o Brasil e vivem hoje em Cuiabá-MT.

O desejo do sujeito ganha forma como desejo do Outro, mas, considerando que o desejo não se apresenta como tal, sua sublimação faz-se pela necessidade demandada em objeto, uma vez que o desejo se mostra (e se esconde) como esboço “[...] na margem em que a demanda se rasga da necessidade”. A demanda é a forma possível de articulação do desejo com o objeto sublimado na forma de necessidade, através de objetos parciais que não têm imagens especulares (constituídas na alteridade), assim, esses objetos funcionam como “estofo” ou “forro” dos desejos, “[...] pois esse sujeito, que acredita poder ter acesso a si mesmo ao se designar no enunciado, não é outra coisa senão um objeto desse tipo”.

Nessa direção, a Mostra, enquanto gesto de acolhimento, é o desejo posto em demanda que funciona como o objeto metonímico do desejo.

4) A escuta

“[...] é menos escuro quando alguém fala”.
(Natanson, 2002, p. 56)



Figura 12 :Haitiana denuncia Padaria do Moinho por situação análoga à escravidão e injúria racial
Fonte: Olhar direto¹⁰

O gesto, que se produz como efeito da “expressão de desejos” – de inclusão e de pertencimento para haitianos e cuiabanos –, não produz a *inclusão social* prometida, pois, entre o desejo e a demanda (a forma objetual de manifestação metonímica do desejo), há uma dissimetria que constitui o objeto substitutivo como conflituoso, dada a impossibilidade de

¹⁰ Disponível em <http://www.olhardireto.com.br/juridico/noticias/exibir.asp?id=36138¬icia=haitiana-denuncia-padaria-do-moinho-por-situacao-analoga-a-escravidao-e-injuria-racial>. Acesso em 29 Abr. 2018.

efetivação do desejo de se colocar integralmente. Assim, o inconsciente, enquanto discurso do Outro, faz retornar sobre o gesto da mostra a pergunta do Outro (a voz do desejo), que ecoa no conto de Cazzote¹¹ como o lugar do demônio, com a pergunta *Che vuoi?* (que queres?):

[...] o desejo do homem é o desejo do Outro, onde o *do* fornece a determinação chamada pelos gramáticos de subjetiva, ou seja, é como Outro que ele deseja (o que dá a verdadeira dimensão da paixão humana). [...] a pergunta *do* Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um ‘*Che vuoi?* [...], é que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo [...].

O desejo, que habita o sujeito, desde as primeiras demandas do bebê não pode ser dito e nem totalmente satisfeito. Para Lacan (1998), este desejo se formula como a pergunta do conto que, falando do lugar do demônio, cria a *hiância* por onde se particulariza o sujeito do inconsciente, diante do universal da Lei, pois o desejo, da ordem do irrealizado, materializa-se em objetos substitutivos na forma de demanda (objetos metonímicos do desejo) e funciona como “[...] uma espécie de rasgo por onde o sujeito se constitui ao escapar do discurso maciço do Outro¹²”.

As reflexões do autor aproximam-se das elaboradas por nós em torno da vinda/permanência dos haitianos no Brasil, na medida em que observamos que o desejo de inclusão (tanto para haitianos quanto para brasileiros/cuiabanos) é posto em demanda, por um efeito de objetualização, isto é, de retificação dos haitianos como peças em exposição, o que faz funcionar a memória do povo negro servindo como mão de obra escrava de trabalho, quando era retirado dos navios negreiros e exposto em feiras para ser comprado pelos senhores de engenho, que lhes avaliavam os dentes, a saúde aparente e a força de trabalho potencial.

¹¹ A pergunta *Che vuoi?* foi utilizada por Lacan (1998), a partir do conto *Le diable amoureux*, de J. Cazzote (1772), como a questão que lança o sujeito pela via do desejo, pois o personagem do conto, ao invocar o diabo em busca de resposta, coloca em funcionamento a questão do desejo sublimado no objeto da demanda. Disponível em <https://revistacaliban.net/che-vuoi-570e82638297>. Acesso em Abr. 2018.

¹² DIAS, B. “Che Vuoi”. Disponível em <https://revistacaliban.net/che-vuoi-570e82638297>. Acesso em Abr. 2018.

(Há) final? Afinal...

As reflexões que apontamos ao longo deste texto buscaram destacar e, sobretudo, retomar a situação social criada em torno da figura do migrante: a exploração e a vulnerabilidade socioeconômica e cultural. Sabemos, contudo, que a exploração de pessoas que deixam seus países/cidades em busca de melhores condições de vida/de trabalho não reservam ao Brasil o estatuto de país em que mais se explora e se exclui os estrangeiros.

Ao contrário, outros países também tomam a migração como um processo social cujos sentidos se aproximam dos sinônimos de enfraquecimento cultural e de recebimento de mão de obra barata, e, por vezes, escrava.

Estes sentidos não se realizam sobre o movimento de migração de maneira direta e evidente, mas por gestos e tentativas de inclusão e de pertencimento que, pela relação língua/história, fazem atualizar memórias de exclusão e de segregação, tal como vimos mostrando pelas análises de recortes da Mostra.

Dessa forma, tratou-se de colocar em visibilidade à memória que escapa e se mostra, por gestos que buscam criar lugares de pertença/acolhimento/inclusão, dos processos histórico-sociais que garantiram um espaço desigual e explorador ao migrante/negro, em razão de sua condição economicamente vulnerável.

Os recortes realizados das fotografias da Mostra nos permitiram visibilizar como a combinação significativa, possibilitada pelo encadeamento sintático da letra da música, faz remissões à memória dos sentidos de segregação aos quais os migrantes, sobretudo os negros, foram submetidos.

Afinal, conforme afirma Lacan (1998, p. 824), “[...] a morte, justamente por estar impressa na função de desafio, mostra, ao mesmo tempo, o que é elidido tanto de uma regra prévia quanto do regulamento conclusivo. Pois é preciso, afinal de contas, que o vencido não pereça, para que se produza um escravo”.

Referências

DERRIDA, Jacques. **Estados-da-alma da psicanálise**. O impossível para além da soberana crueldade. São Paulo, SP: Escuta, 2001. (p. 75-76).

FREUD, S. (1930). “O mal-estar na civilização”. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1974.

LACAN, J. (1960) “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” In: **Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1998. (p. 807-842).

NATANSON, M. **Éducation et psychanalyse aujourd’hui**. Dijón: CRDP de Bourgogne, 2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. “Papel da Memória”. In: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

Sobre as autoras e o autor

Olimpia Maluf Souza

Docente do departamento de Letras e do programa de Mestrado/Doutorado em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Processos de autonomia, de produção e de identificação intelectual: a Análise de Discurso no Centro-Oeste.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9974266213083899>

Ana Cláudia de Moraes Salles

Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação Strictu Sensu da UNEMAT/Cáceres-MT. Integrante do Projeto de Pesquisa Processos de autonomia, de produção e de identificação intelectual: a Análise de Discurso no Centro-Oeste.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4197029844666367>

Fernanda Surubi Fernandes

Docente do departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Câmpus Iporá. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Cáceres.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5320767790051013>

Wellington Marques da Silveira

Docente do Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Cáceres-MT). Mestrando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação Strictu Sensu da UNEMAT/Cáceres-MT.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8132070437347423>

Artigo Recebido em Agosto de 2018.
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.